

O PROBLEMA DA “INFLUÊNCIA”: GEORG VON DER GABELENTZ E FERDINAND DE SAUSSURE^{*,**}

E. F. Konrad Koerner^{*}**

Resumo: Um dos *hot points* da pesquisa em historiografia linguística, a questão da influência é tratada como categoria de análise em historiografia linguística, com apresentação também de um estudo de caso sobre possíveis influência de Gabelentz no trabalho de Saussure.

Palavras-chave: historiografia linguística; problema da influência; linguística geral.

“É de fato difícil, quando se relê hoje a linguística do passado, fugir da luz que os conhecimentos atuais projetam ao reverso sobre as formulações de outrora; é difícil resistir à forte impressão de velhos textos aparecerem como ‘premonitórios’, difícil combater o sentimento de que se percebe precursores por toda a parte.”

(MOUNIN, 1959 apud KOERNER, 1971a, p. 159)¹

* As citações em suas línguas originais, acompanhadas de tradução no corpo do texto, seguem formatação especial, tendo em vista a preservação do conteúdo de documentos históricos originais (N. E.). Tradução de Cristina Altman, professora da Universidade de São Paulo (USP).

** O tema deste artigo remonta à época em que eu estava trabalhando na minha dissertação, submetida à Simon Fraser University, em Burnaby/Vancouver, B. C., Canadá, em novembro 1971, *Ferdinand de Saussure: Origin and Development of His Linguistic Thought in Western Studies of Language. A contribution to the history and theory of linguistics*, disponível em: <<http://ir.lib.sfu.ca/bitstream/1892/4637/1/b11119603.pdf>>. Uma versão levemente revista, acrescida de um índice de autores (p. 419-428), foi publicada em 1973 (Braunschweig: Vieweg). Sobre Georg von der Gabelentz, v. p. 166-194. O texto original foi publicado como “Animadversions on Some Recent Claims regarding the Relationship between Georg von der Gabelentz and Ferdinand de Saussure”. *Studi saussuriani per Robert Godel* ed. por René Amacker, Tullio De Mauro et al., 165-180. Bologna: Il Mulino, 1974. Quando o reimprimi em 1988, em uma seleção de artigos previamente publicados em *Saussurean Studies / Études saussuriennes* (Geneva: Slatkine), p. 51-66, escolhi o título que a presente edição traz agora. À exceção de modestos retoques de estilo e de acréscimos de biodatas de autores que acredito que sirvam para alguma orientação histórica, deixei o texto tal e qual. Acrescentei títulos às seções para dar uma estrutura adicional ao argumento.

*** Doutor pela Universidade Simon Fraser, Vancouver (Canadá). Pesquisador do Zentrum für Allgemeine Sprachwissenschaft, Typologie und Universalienforschung, em Berlim (Alemanha).

1 “Il est difficile en effet, quand on relit aujourd’hui la linguistique du passé, d’échapper à l’éclairage que les connaissances actuelles projettent à revers sur les formulations d’autrefois; difficile de résister à cette impression saisissante des vieux textes apparaissant comme «prémonitoires», difficile de combattre le sentiment qu’on aperçoit partout des précurseurs.

INTRODUÇÃO

■ **N**o seu quase célebre artigo, Eugenio Coseriu (1967²) afirmou que, até aquele momento, Saussure tinha sido considerado especialmente de forma a-histórica no que diz respeito à sua relação com os desenvolvimentos linguísticos pós-saussurianos, que tinha sido percebido mais como o ponto de partida de uma nova linguística, do que como o ponto de chegada de uma longa tradição, isto é, de correntes linguísticas anteriores (cf. COSERIU, 1967, p. 100). A mim parece que uma observação de tal natureza acarreta pelo menos dois mal-entendidos. Primeiro, já deveria estar eminentemente claro que o *Curso* marca o começo de uma nova era na teoria linguística geral, mais o início de um novo paradigma, para usar um termo moderno, do que a sùmula de ideias que prevaleceram em um determinado período – como pode ser dito, sem associações pejorativas, dos *Prinzipien* [*Princípios*] de Herman Paul (1880). Segundo, é curioso notar que essa afirmação tenha sido feita justamente por Coseriu, já que ele é visto como uma autoridade no pensamento linguístico saussuriano. É simplesmente incorreto afirmar que Saussure não havia sido frequentemente relacionado a vários estudiosos contemporâneos e a várias tradições linguísticas desde o aparecimento do *Cours* em 1916 (cf. KOERNER, 1972a, p. 69-88, para localizações). Ao contrário, parece que vários dos mais destacados contemporâneos de Saussure, incluindo Hugo Schuchardt e Otto Jespersen, ficaram intrigados pela questão das possíveis fontes da inspiração linguística de Saussure. Com efeito, desde aquela época, raramente se passou um ano sem que se tivesse reiterado uma observação anterior nesse sentido, ou sem que se tivesse anunciado um novo “predecessor” das ideias contidas no *Curso*.

Este não é o lugar de discutir os motivos por trás dessas múltiplas tentativas de rastrear as fontes a partir das quais Saussure pode ter desenvolvido suas teorias, embora pareça duvidoso que a maioria dessas investigações tenha sido conduzida como uma tentativa de entender melhor o impacto revolucionário de Saussure e assim apreender o intrincado fenômeno do surgimento de um gênio, cujos *insights* transcenderam as especulações que seus contemporâneos e sucessores alimentaram. O ponto que eu gostaria de enfatizar aqui é que a impressão, que não escapa ao leitor dessas afirmações frequentemente infundadas, é que seus autores não estão muito interessados em escrever a história da linguística, mas sim em reescrevê-la na sua própria, às vezes muito pessoal, interpretação de como os fatos deveriam ter acontecido. Para citar um exemplo simples, refiro-me ao fato historicamente verificável de que o jovem Ferdinand de Saussure passou seus anos acadêmicos de 1876-1878 e 1879-1880 em Leipzig (com intervalo de um ano durante o qual estudou na Universidade de Berlim), e que Georg von der Gabelentz foi nomeado professor de línguas do leste asiático, no cargo recentemente criado para essa posição na mesma universidade, em 1878, provavelmente na mesma época em que Saussure se mudou para Berlim, de onde retornaria somente para a conclusão da dissertação que ele defendeu em fevereiro de 1880. Ainda assim, Eberhard Zwirner (1967, p. 2.442), entendendo que Saussure se associou fortemente ao *junggrammatische Richtung* [no-

2 Publicado em português sob o título “Georg von der Gabelentz et a linguística sincrônica”, em *Tradição e novidade na ciência da linguagem: estudos de história da linguística*. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Edusp, 1980, p. 213-263. (N.T.)

vo movimento neogramático] em seus primeiros anos, afirmou que Gabelentz também tomou parte ativa nesse movimento – algo que nenhum leitor atento da *Sprachwissenschaft* [Linguística] de Gabelentz afirmaria – sugerindo, assim, que Saussure já tivesse mantido contato com o estudioso durante sua estada em Leipzig. Essa suposição parece ter se tornado um fato histórico, com seguidores acríticos), que afirmaram que Gabelentz foi de fato um dos professores de Saussure.

Qualquer um empenhado em fazer da história da linguística uma atividade séria poderia citar outros exemplos de distorções de fatos passados no desenvolvimento da ciência linguística. Mas isso seria reduzir o assunto aqui em discussão a mais uma mera instância de reflexão sobre o deplorável “estado da arte” historiográfica. A relação entre Gabelentz e Saussure assumiu proporções muito maiores, a julgar pelo número daqueles que aceitaram totalmente as afirmações de certos estudiosos de que a *Sprachwissenschaft* de Gabelentz, que apareceu pela primeira vez em 1891, teve um impacto importante na argumentação teórica de Saussure e apresentou conceitos cruciais que anteciparam aqueles esboçados no *Curso*. Na verdade, a história recente da alegada importância de Gabelentz para Saussure põe a nu os verdadeiros pontos da questão, quando se trata de levar a sério o fazer a história da linguística.

Neste texto, não repetirei a argumentação relacionada aos vários conceitos linguísticos genuínos que dizem ter sido propostos por Gabelentz uma geração antes de Saussure. Acredito que tanto minha refutação de Coseriu (1967, cf. KOERNER, 1971a, 1972d), quanto a evidência que apresentei (cf. KOERNER, 1972b) de que não foi o livro de 1891 de Gabelentz, mas sim os *Prinzipien* de Paul de 1880, que constituíram a maior fonte ao que Karl Bühler se referiu como a cartesiana *Bewusstseinsklärung* [clareza de consciência] de Saussure. Em vez disso, no que se segue, vou tentar 1. delinear a intrigante história da afirmação de que Gabelentz exerceu uma importante influência no pensamento linguístico de Saussure; 2. propor sugestões para a condução apropriada da pesquisa em história da linguística; e 3. demonstrar, por meio da apresentação de uma questão particular do alegado impacto de Gabelentz sobre Saussure, que argumentos recentes nessa direção são insustentáveis.

A “TRADIÇÃO” DA SUPOSTA ANTECIPAÇÃO DE GABELENTZ EM RELAÇÃO A SAUSSURE

Já em 1918, Leo Spitzer observou o que ele acreditava serem paralelos óbvios entre as ideias de Gabelentz sobre *Sprache* e *Rede* (cf. GABELENTZ, 1969, p. 59)³ e a importante dicotomia de Saussure *langue/parole* (cf. CLG, p. 36-39; CLG/E, p. 321-370)⁴. Entretanto, a ainda bastante inespecífica observação de Spitzer permaneceu despercebida na literatura por algum tempo, só sendo mencionada em uma nota de rodapé por Iorgu Iordan (1937, p. 283), na tradução autorizada de John Orr, em que, a rigor, apenas afirmou que Gabelentz tinha estabelecido

3 Os termos utilizados por Gabelentz – *Sprache* e *Rede* – equivaleriam, aproximadamente, aos termos “linguagem” e “discurso, fala”, em português. A dicotomia *langue/parole*, mais familiar ao leitor brasileiro, equivale ao português “língua” e “fala”, respectivamente. Manterei esses e todos os demais termos técnicos na sua língua original, entretanto seguindo a opção do autor no seu texto em inglês. (N.T.)

4 Cf. L. Spitzer, *Aufsätze zur romanischen Syntax und Stilistik* (Halle/S.: M. Nierneyer, 1918, p. 345). Ver Coseriu (1967, p. 75), para a citação da passagem em questão. Quanto às siglas e outras abreviações utilizadas no presente texto, ver seção “Referências” no final do artigo.

“uma distinção similar entre ‘Rede’, [...], e ‘Sprache’ e, mesmo assim, somente depois de se referir à ‘dupla concepção [isto é, *langue* vs. *parole*] do fenômeno da linguagem” de Paul, nomeadamente, à distinção entre (*Sprach-*) *Usus* [uso, consenso geral] e (*individuelle*) *Sprechfähigkeit* [atividade de fala individual], uma referência que Coseriu (1967, p. 75) preferiu manter em silêncio. Bastante interessantemente, Jespersen (1922, p. 98), que reconheceu sua dívida particular para com Gabelentz, foi criticado por Coseriu (1967, p. 75) por não ter feito essas observações na sua resenha do *Curso* de Saussure, de 1916. Outro estudioso que Coseriu não mencionou no seu artigo, mas que conhecia amplamente a *Sprachwissenschaft* de Gabelentz, foi Louis Hjelmslev. Mesmo que, no seu frequentemente negligenciado, mas verdadeiramente fascinante *Principes de grammaire générale* [*Princípios de gramática geral*], ele talvez tenha feito tantas referências ao livro de Gabelentz (cf. HJELMSLEV, 1928, p. 11, 39, 43, 67, 76, 84, 91 etc.) quanto ao *Curso*, ele não foi levado a argumentar, por semelhanças aparentes de termos ou ideias, que elas não eram simplesmente o resultado de uma “*coïncidence, mais d’une véritable influence de Gabelentz sur Saussure*” [“coincidência, mas de uma verdadeira influência de Gabelentz sobre Saussure”], como Coseriu (1967, p. 76) e outros nos quiseram fazer crer⁵.

Independentemente de interpretações anteriores, outros estudiosos se referiram a Gabelentz como um precursor das ideias estruturalistas de Saussure. Friedrich Kainz (1897-1977) sentiu ser um *Akt geschichtlicher Gerechtigkeit* [ato de justiça histórica] (KAINZ, 1941, p. 20) chamar a atenção para o fato de a distinção *langage, langue e parole* ter sido feita anteriormente na *Sprachwissenschaft* de Gabelentz. Anton Reichling (1948, p. 13), a agora famosa passagem de Gabelentz (1969 [1901], p. 481), que foi acrescentada à segunda edição da *Sprachwissenschaft*, entendeu que, no que diz respeito ao conceito de língua como um sistema de partes interdependentes, Saussure seguiu Gabelentz (p. 14), concedendo, entretanto, que Saussure desenvolveu consideravelmente as ideias enunciadas pelo seu predecessor. Leonardus Cornelis Michels escolheu outro aspecto da teorização de Gabelentz, afirmando que ele foi, de fato, um precursor do estruturalismo moderno e da fonologia (MICHELS, 1952). Coseriu (1967, p. 76) reporta que ele chamou a atenção para a antecipação de Gabelentz da distinção *langue/parole* de Saussure já em 1958, e Serafim da Silva Neto (1960, p. 29) parece dever suas opiniões à alegação inicial de Coseriu, como sua nota bibliográfica (p. 38) sugere. Mas parece que não foi senão em 1964, no *Quinto Congresso de Ciências Fonéticas*, acontecido em Münster/Westfalia, que a alegada influência de Gabelentz sobre Saussure se tornou uma questão acadêmica entre linguistas.

Naquela ocasião, Eberhard Zwirner afirmou que Gabelentz tinha antecipado tanto as distinções *langue e parole* e sincronia e diacronia de Saussure, quanto o conceito de sistema em língua (cf. ZWIRNER, 1965, p. 7-9), alegações que Zwirner sustentou repetidamente depois⁶, apesar das intervenções de Piero Meriggi e Eric Buysens, na discussão que se seguiu à sua apresentação no Con-

5 Isso é particularmente interessante se observarmos que Hjelmslev (1928, p. 215), curiosamente ignorando o *Mémoire de Saussure*, de 1878, fez a seguinte afirmação: “*A notre connaissance, G. v. d. Gabelentz est le premier qui ait formulé explicitement l’idée dont il est question, [...], le mot système*” [“Em nosso conhecimento, G. v. d. Gabelentz foi o primeiro que formulou explicitamente a ideia de que aqui se trata, [...], a palavra sistema”], referindo-se ao *Sprachwissenschaft* (cf. Gabelentz 1969, p. 76, 385, 481), sem, entretanto, afirmar que Saussure, com cujas ideias Hjelmslev estava particularmente preocupado no capítulo “*Le système grammatical*” [“O sistema gramatical”] (p. 214-295), baseara-se em Gabelentz.

6 Para mais referências, cf. Zwirner (1966a, p. 189-190; 1966b, p. 81, 101-103, 109, 166; 1967, p. 2445-2446; 1968a, p. 448, 449, 452; 1968b, p. xiv; 1969a, p. 31, 35-36; 1969b).

gresso, em que o primeiro chamou a atenção para os *Prinzipien* de Paul, como fonte da concepção *langue/parole* de Saussure, e o último para o princípio de sistema que inspirou o *Mémoire* de Saussure, de 1878, muitos anos antes do surgimento do trabalho de Gabelentz. Mas nem o próprio Zwirner, nem seu aluno Karl Heinz Rensch (cf. ZWIRNER; RENSCH, 1968, p. 91) quiseram levar essas objeções em consideração. Este último procurou fundamentar as alegações do seu mestre (cf. KOERNER, 1971c, p. 249-250) em um artigo que contém afirmações tais como que a distinção de Saussure entre a abordagem sincrônica e diacrônica da língua “findet sich bereits” [já existia] no livro de Gabelentz de 1891 (RENSCH, 1966, p. 36). Nesse ponto, ele ignorou a clara separação que Paul fizera entre “descriptive Grammatik” [gramática descritiva] e “historische Grammatik”, ou “Sprachgeschichte” [gramática histórica], feita já em 1880 (cf. KOERNER, 1972, p. 283-290, para detalhes), e o próprio conhecimento de Saussure, durante seu magistério em Paris, do duplo aspecto do estudo linguístico, como seu aluno Antoine Meillet lembrou no obituário de Saussure, de 1913, três anos antes do primeiro aparecimento do *Curso*, *nota bene*:

F. de Saussure voulait surtout bien marquer le contraste entre deux manières de considerer les faits linguistiques: l'étude de la langue à un moment donné, et l'étude du développement linguistique à travers le temps (apud KOERNER, 1972b, p. 282).

[F. de Saussure queria, sobretudo, marcar bem o contraste entre as duas maneiras de considerar os fatos linguísticos: o estudo da língua em um momento dado, e o estudo do desenvolvimento linguístico através do tempo.]

Enquanto Rensch (n. 1936) repetia suas afirmações anteriores (RENSCH, 1967, p. 78-79), Coseriu estava preparando sua mais sugestiva e ampla tentativa de fundamentar sua alegação de que a influência de Gabelentz era comparável àquela que Whitney parece ter exercido sobre Saussure (cf. *CLG*, p. 18, 26, 110; *CLG/E*, p. 87, 166-176, 1264-1267; *SM*, p. 32, 43-46, 51 etc.). O “sucesso” das afirmações de Coseriu pode ser medido pelas várias referências laudatórias ao seu artigo, na literatura que se seguiu. Enquanto as reiteradas observações de Zwirner receberam pouca atenção e o texto de 1966 de Rensch foi mencionado em Oswald Szémerényi (1971, p. 43) e criticado por Robert Godel (1968, p. 116-117), o artigo de Coseriu encontrou aceitação entre um número considerável de respeitáveis estudiosos. Com efeito, o leitor que se aproxima do artigo de Coseriu sem conhecer de perto o desenvolvimento do pensamento linguístico europeu durante as últimas décadas do século XIX e sem conhecer, diretamente, as fontes do *Curso* (especialmente as *SM* e *CLG/E*) fica com a impressão de que a *Sprachwissenschaft* de Gabelentz de fato incorpora as ideias “saussurianas”. O próprio Coseriu tentou reforçar sua afirmação anterior nas suas conferências universitárias de 1967-1968: assim, 1891, o ano da publicação do livro de Gabelentz, se tornou o ponto de partida do estruturalismo (cf. COSERIU 1969, p. 24); mais adiante (p. 36-37), alegou que a tripartição de Saussure *parole, langue e faculté du langage* [faculdade da linguagem] correspondia exatamente, (“genau”) ([exatamente]), à distinção de Gabelentz *Rede/ Einzelsprache/ Sprachvermögen* [discurso, fala/ linguagem individual/ competência linguística] e que Saussure tinha adotado a dicotomia sincronia/diacronia do mesmo linguista, enquanto Hermann Paul, por exemplo, figurou exclusivamente como aquele que identifi-

cou linguística com linguística histórica (p. 55), e que ficou na moda nos manuais modernos de história da linguística.

Certamente não se deve culpar Coseriu pela aceitação acrítica das suas opiniões por contemporâneos, tais como Klaus Baumgärtner (n. 1931) que, reesenhando a reimpressão do livro de Gabelentz, afirmou expressamente: “*Man braucht auf das Buch [isto é, GABELENTZ, 1969] ,nicht einzugehen*” [“Não há necessidade de ler o livro [isto é, o livro de GABELENTZ, 1969]”, já que a investigação de Coseriu, “*die bei fachgeschichtlicher Ignoranz der Linguistik ansetzt, arbeitet akribisch, streckenweise im Paralleldruck Gabelentz-Saussure heraus, wo die Quellen der strukturalistischen Dichotomien und Trichotomien zu suchen wären*” [“partindo da ignorância que os linguistas têm do conhecimento histórico, imprime lado a lado e analisa cuidadosamente os paralelos Gabelentz-Saussure – leia-se a dependência do segundo em relação ao primeiro – em que se podem ler as dicotomias e tricotomias estruturalistas”] (*Germanistik* 13, 1972, p. 247). Uma confiança bastante semelhante na palavra do notável estudioso pode ser observada em Szémerényi (1971, p. 42-43), onde a questão colocada por Coseriu (1967, p. 99) se as reflexões de Saussure, em 1894, sobre problemas em linguística geral, como atestado em Godel (*SM*, p. 26-27, 31-32, 37-39), tinham sido provocadas pelo livro de 1891 de Gabelentz, se tornou uma afirmação de fato: “*Es dürfte ziemlich klar sein, dass die Wende in den 90er Jahren durch das Buch von Gabelentz (siehe S.42) herbeigeführt wurde*” [“Deveria estar claro agora que a virada [no pensamento linguístico de Saussure] aconteceu nos anos 1990, por meio do livro de Gabelentz”] (SZÉMERÉNYI, 1971, p. 39, n. 17; cf., criticamente, GODEL, 1971). Semelhantemente, Gheorge Ivănescu, em 1972 (p. 70), como Bernhard Rosenkranz (1970, p. 3) antes dele, afirma que o artigo de Coseriu “*a le mérite d’avoir vu la grande influence de G. von der Gabelentz sur F. de Saussure en ce qui concerne la distinction entre la linguistique synchronique et la linguistique diachronique*” [“tem o mérito de ter percebido a grande influência de G. von der Gabelentz sobre F. de Saussure no que concerne a distinção entre a linguística sincrônica e a linguística diacrônica”], criticando-o somente por ter excluído a influência de Jan Baudouin de Courtenay e de Mikołaj Kruszewski sobre Saussure, e concluindo que a distinção de Saussure foi o resultado de uma “*synthèse personnelle entre la conception de Baudouin de Courtenay et celle de von der Gabelentz*” [“síntese pessoal entre a concepção de Baudouin de Courtenay e aquela de Gabelentz”] (p. 72). A sùmula dessa atitude em relação às “descobertas” de Coseriu me parece estar na afirmação de Hans-Helmut Christmann’s (1971-1972, p. 245): “*Auf Grund von Coserius Demonstration kann man Gabelentz’ Buch mit Fug und Recht [!] als die wichtigste [!] Quelle für Saussures Cours ansehen*” [“Baseado na demonstração de Coseriu, tem-se todo o direito (!) de olhar o livro de Gabelentz como a fonte mais importante (!) do *Curso* de Saussure”]. De fato, Christmann sente que ele poderia acrescentar ainda vários outros “paralelos” aos que Coseriu sugeriu, no que diz respeito à relação entre Gabelentz e Saussure (p. 246-252). Voltarei a essa questão mais tarde. Basta por ora observar que Christmann (p. 245, n. 15) obviamente argumenta *ad auctoritatem* diante do seu colega mais velho de Tübingen [isto é Coseriu, (N.T.)], deixando de lado tanto as *Sources manuscrites* [Fontes manuscritas] (*SM*) de Robert Godel, quanto a edição crítica do *Curso* (*CLG/E*), de Rudolf Engler’s, por exemplo, por não fornecerem qualquer material que sustente sua posição!

É, entretanto, gratificante ver que pelo menos um estudioso não concorda com a tese da influência substancial, direta e indireta, de Gabelentz sobre a argumentação linguística de Saussure. Rolf Hiersche, resenhando as propostas de Zwirner, Rensch e Coseriu (HIERSCHÉ, 1972, p. 21-24), apresenta pelo menos duas críticas importantes aos procedimentos deles, nomeadamente: a confiança exclusiva no *Curso*, tal como compilado por Charles Bally e Albert Sechehaye, e a preocupação com a (nem sempre muito confiável) cronologia externa que sustenta uma alegada dependência de Saussure em relação Gabelentz, em vez de tentarem investigar “*die innere Geschichte der Begriffsbildung*” [“a história interna da formação”] dos seus respectivos conceitos (p. 23). Em vez disso, Hiersche acredita ter convincentemente demonstrado que a fonte importante da inspiração linguística saussuriana, em particular no que diz respeito à distinção *langue/parole*, deve ser buscada no trabalho sociológico de Émile Durkheim (1858-1917), uma posição que tampouco me convence completamente (cf. KOERNER, 1971b, p. 45-60, 67-69, 226-227, com uma possível concessão à p. 379).

TRATAMENTO SUPERFICIAL DE TEXTOS NA PESQUISA HISTÓRICA E ALGUNS REMÉDIOS

Parece a mim que nenhum dos estudiosos mencionados demonstrou convincentemente sua habilidade em conduzir a pesquisa no campo do nosso passado linguístico de uma maneira não enviesada. Várias razões contribuíram para esse deplorável estado de coisas. Acima de tudo, prevalece a impressão de que linguistas que se distinguiram no campo da linguística geral pensam ser igualmente capazes de escrever a história da linguística, sem treino ou preparação adicionais, suposição essa reforçada por outros que cegamente aceitam seus achados como declarações de fato, e não acreditam ser necessário investigar a base das afirmações feitas por eles. Como resultado, os argumentos apresentados por Zwirner, Rensch e Coseriu foram aceitos acriticamente pela literatura e entraram nos manuais de história da linguística (por exemplo, SZÉMERÉNYI, 1971, p. 42; LEROY, 1971, p. 63, n. 2). As razões que vejo para as inadequações e reais distorções no escrever a história do pensamento linguístico estão na supervalorização da autoridade, associada à preguiça intelectual, em particular quando os argumentos apresentados por outros coincidem com seus próprios preconceitos. Enquanto as fontes primárias não forem lidas, ou, se lidas, não o forem de uma maneira apropriada, isto é, sem que se estudem os textos no que eles têm de próprio, não haverá história da linguística, nem mesmo crônica.

Critiquei Coseriu em três pontos (cf. KOERNER, 1971a, p. 158-159) e vou discorrer sobre eles aqui, já que parece que não foram completamente compreendidos na época (cf. NARR; PETERSEN, 1972).

Primeiro, Coseriu, assim como os outros estudiosos mencionados, retirou Gabelentz do seu contexto histórico, do clima intelectual geral em que ele desenvolveu suas ideias. Isso inclui não apenas a avaliação das ideias, tanto linguísticas quanto extralinguísticas, correntes na Europa ocidental entre 1880 e 1890, mas também o estabelecimento da formação específica de Gabelentz, inclusive sua tradição familiar e educação. Aqui, e o leitor atento da *Sprachwissenschaft* de Gabelentz não pode evitar essa impressão, diferenças importantes entre Gabelentz e Saussure podem ser detectadas, o que poderia bem explicar o simples,

mas muito significante fato (geralmente apagado por aqueles que defendem a dependência de Saussure em relação a Gabelentz), de que Saussure, de fato, possuía uma cópia da primeira edição da *Sprachwissenschaft* de Gabelentz (cf. GODEL, 1968, p. 117), mas nunca fez qualquer referência ao livro, seja em suas conferências sobre linguística geral, seja em suas notas pessoais, muitas das quais foram descobertas recentemente. A mim parece que esse fato comprovável deveria, ao menos, ter levado aqueles que assumiram rapidamente que Saussure foi particularmente inspirado pelas ideias de Gabelentz a serem mais cautelosos. Além disso, é surpreendente que Coseriu (1967, p. 100) simplesmente tenha se referido a William Dwight Whitney (a quem Saussure de fato elogiou em várias ocasiões), afirmando sua importância sobre Saussure como um fato bem estabelecido, sem ter, entretanto, fornecido qualquer evidência para isso. Com efeito, para mencionar só recentemente, dois artigos sobre isso apareceram (cf. POPA-TOMESCU, 1970; SLJUSAREVA, 1972). Hermann Paul não é mencionado nos artigos de Zwirner, Rensch, Coseriu, Christmann, Ivănescu e outros, embora Saussure tenha explicitamente se referido a ele tanto nas suas conferências (cf. *CLG/E 90*⁷) quanto nas suas notas pessoais (cf. *SM*, p. 51; cf. também p. 30).

Segundo, essa observação pertence a princípios processuais na investigação das teorias linguísticas e das suas relações. Coseriu e outros não tentaram, no que diz respeito ao ponto já mencionado, elucidar as ideias linguísticas de Gabelentz à luz da sua formação geral e do seu próprio quadro de referência, mas foram enganados por semelhanças superficiais quando compararam ou, pelo menos, tentaram aproximar os termos de Gabelentz com os de Saussure. Assim, o simples fato de que Saussure (*CLG*, p. 31) tenha afirmado que “*Rede correspond à peu près à ‘parole’*” [“*Rede corresponde aproximadamente à parole*”] foi tomado por defensores das afirmações de Coseriu (NARR; PETERSEN, 1972, p. 461) como um forte argumento a favor do impacto de Gabelentz sobre Saussure. A leitura do trecho completo do *Curso*, que segue de perto as fontes (cf. *CLG/E 249*), os teria conscientizado de que (p. 31):

[...] *les distinctions établies [between langue and parole] n’ont [...] rien à redouter de certains termes ambigus qui ne se recouvrent pas d’une langue à l’autre. Ainsi en allemand Sprache veut dire “langue” et “langage”; Rede correspond à peu près à “parole”, mais y ajoute le sens spécial de “discours”.*

[...] as distinções estabelecidas [entre *langue* e *parole*] não têm [...] nada a temer de certos termos ambíguos que não se recobrem de uma língua a outra. Assim, em alemão *Sprache* quer dizer “língua” e “linguagem”; *Rede* corresponde mais ou menos à “parole”, mas a ele se acrescenta o sentido especial de “discurso”.]

Essa semântica ambivalente de *Rede* não resultou de uma investigação mais cuidadosa da relação entre o conceito de Gabelentz de *Rede* e o uso particular de Saussure de *parole*. Ao contrário, uma vez feita a suposição de que os termos de Gabelentz e de Saussure eram muito próximos, tanto no seu sentido quanto na sua implicação teórica, ficou fácil demais estabelecer outras “correspondências” baseadas largamente em *Vorverständnis* [preconcepções] previa-

7 Observe que as remissões à edição crítica de Engler não se referem a páginas, mas sim à numeração das seções estabelecidas pelo editor – donde a ausência da abreviação “p.”.

mente estabelecidas, segundo as quais *Rede e parole, Einzelsprache* [língua individual] (assim como *Sprache*) e *langue* são termos epistemologicamente idênticos. Daqui, só se pode concluir que a *conscience collective* [consciência coletiva] (cf. CLG/E 1661) de Saussure “corresponde” ao *Volksgeist* [espírito do povo] (cf. GABELENTZ, 1969, p. 385), se formos acreditar em Coseriu (1967, p. 87), ou que a referência de Gabelentz aos *aufeinanderfolgende Tatsachen* [fatos que seguem uns aos outros] (cf. GABELENTZ, 1969, p. 61) “corresponde” aos *termes successifs* [termos sucessivos] (cf. CLG/E 1451) de Saussure, embora Coseriu deva ter notado que Gabelentz fez uma observação do senso comum, enquanto Saussure estava falando de assuntos com consequência teórica. Observações semelhantes poderiam ser feitas para as demais alegadas correspondências entre as teorias de Gabelentz e Saussure (se é que o termo “teoria” se aplica apropriadamente no caso dos perspicazes, porém assistemáticos, esboços de Gabelentz; cf. Coseriu (1967, p. 91); uma delas será o assunto da conclusão deste texto.

Finalmente, mas não menos importante, nem Coseriu nem nenhum outro estudioso perguntou-se por que a maioria das declarações teoricamente significantes da *Sprachwissenschaft* de Gabelentz foi acrescentada por Albrecht Connon Graf von der Schulenburg, um sobrinho de Georg von der Gabelentz, à segunda edição de 1901, “*wo der Fortschritt der Wissenschaft es dringend verlangte*” [“onde o progresso da ciência assim o exigia”], como Schulenburg afirma em seu prefácio (cf. GABELENTZ, 1969, p. vii)⁸. Em outras palavras, as ideias de Gabelentz foram retiradas do seu contexto histórico (assim como do seu contexto imediato), como se os *Prinzipien* de 1880 (2. ed., 1886), de Paul e as *Untersuchungen über die Grundfragen des Sprachlebens*, [Investigações que concernem questões básicas da vida da linguagem], de 1885, de Philipp Wegener, por exemplo, não tivessem sido publicados vários anos antes da *Sprachwissenschaft*, de Gabelentz. Além do mais, no que diz respeito às ideias de Saussure, nenhum dos estudiosos mencionados se esforçou em estabelecer quais das passagens do *Curso* foram baseadas nas suas conferências (tal como anotadas pelos seus alunos), ou em notas pessoais, e quais foram acrescentadas pelos editores, tampouco qual tradição intelectual geral o “mestre de Genebra” seguia, tradição que, com certeza, era bastante diferente da de Gabelentz, como indicarei na seção que se segue.

QUESTÕES SOBRE DIFERENTES FORÇAS EM TRADIÇÃO INTELECTUAL

Klaus Müllner deu um exemplo notável de até onde a confiança acrítica em fontes secundárias e terciárias pode levar, evidentemente seguindo a referência feita pelos editores no seu prefácio da reimpressão do livro de Gabelentz, de 1969, assim como também sugestões de Coseriu, quando fez a seguinte afirmação a respeito da distinção *langue/parole* de Saussure:

Diese Unterscheidung wurde von Ferdinand de Saussure [...] vulgarisiert [!], erschien aber schon früher bei F. Hegel [!] und Wilhelm von Humboldt [!], in der Sprachwissenschaft (Linguistik und Didaktik 5, 1971, p. [81]).

⁸ Devido a mudanças na disposição e no tamanho, o usuário pode não ter notado que Schulenburg de fato acrescentou o equivalente a 80 páginas impressas (tomando-se a primeira edição como base), sem alterar quase nada e mal omitindo uma linha ou mais do texto de 1891 (cf. KOERNER, 1971b, p. 192, nota 11, para detalhes).

[Essa distinção que se popularizou a partir de Saussure, entretanto, apareceu em Linguística muito mais cedo em F. Hegel⁹ [!] e Wilhelm von Humboldt [!]]

É verdade que Hegel fez, na sua *Encyclopädie* de 1817, uma referência de passagem a “*die Rede, und ihr System, die Sprache*” [“à fala, e seu sistema, a linguagem”] (cf. KOERNER, 1971b, p. 226) que, quando citada fora de contexto (in GABELENTZ, 1969, p. 3), pode soar muito sugestiva. No que diz respeito a Humboldt e sua alegada antecipação da distinção *langue/parole* de Saussure (assim como de outros conceitos), cabem umas poucas observações, especialmente desde que não somente Coseriu (1967, p. 100) propôs essa ideia, mas outros, em particular Christmann (1971), incluíram Saussure na tradição humboldtiana, algo que considero totalmente falacioso. Coseriu (1969, p. 98) se queixou de que Saussure tivesse sido geralmente visto como o iniciador da linguística estrutural e que suas fontes tivessem sido omitidas. Nem como controvérsia isso é defensável. Os fonologistas de Praga se referiram a Jost Winteler, Jan Baudouin de Courtenay e outros, como tendo proposto ideias estruturais, e observações semelhantes foram feitas por Hjelmslev nos seus *Prolegomena*. No que diz respeito às fontes da inspiração linguística de Saussure, tem sido sugerida, durante os últimos sessenta anos ou mais, uma série de estudiosos do século XIX, vários sem qualquer justificativa. A esses pertence o grupo todo do que tenho denominado vagamente de “corrente humboldtiana” (cf. KOERNER, 1973b), incluindo o próprio Humboldt, Steinthal, Misteli, Gabelentz, Finck e muitos outros. Isso parece estranho somente para aqueles que abordam a questão das fontes de Saussure com ideias preconcebidas e que não acham necessário consultar nem o magistral livro de Godel (*SM*) de 1957, ou a edição crítica de Engler do *Curso*. Com efeito, enquanto Gabelentz menciona Lucien Adam, Curt Bruchmann, James Byrne, seu pai Hans Conon von der Gabelentz, Raoul de La Graserie, Franz Misteli, Heymann Steinthal e Friedrich Techmer, todos que se associaram às ideias humboldtianas de linguagem (e pensamento), nenhum desses autores é mencionado nos trabalhos publicados, ou ainda não publicados, de Saussure. A rigor, Humboldt é mencionado uma vez nas conferências de Saussure (cf. *CLG/E* 19), e a única declaração completa que Saussure fez sobre Humboldt parece ser a seguinte (que seu aluno Louis Caille taquigrafou em 1907 e que Engler teve a gentileza de me fornecer manuscrita):

C'est presque à ce point de vue ethnolinguistique que G. de Humboldt se place dans ses idées philosophiques sur la structure des langues du globe. Le fond de ses travaux a pour but d'établir les rapports de la linguistique avec la logique. Mais l'impulsion a été donné par ses études ethnologiques (apud KOERNER, 1971b, p. 173, n. 18).

[É quase sobre este ponto de vista etnolinguístico que G. de Humboldt se coloca nas suas ideias filosóficas sobre a estrutura das línguas do globo. O fundo dos seus trabalhos tem por objetivo estabelecer relações da linguística com a lógica. Mas sua impulsão foi dada por seus estudos etnológicos.]

Em outras palavras, Humboldt foi para Saussure um estudioso de intenções e interesses consideravelmente diferentes do que os seus e, como consequência, de nenhum interesse particular para ele. Não é de admirar que o termo “etnolin-

9 Como se sabe, Hegel foi filósofo, e não linguista, em nenhuma acepção desse termo. (N.A.)

guística” não apareça no índice de termos do *Curso* (cf. *CLG*, p. 319-326), e que os aspectos antropológicos da linguagem recebam pouca, se não nenhuma atenção no volume de 300 páginas (cf. *CLG*, p. 304-306), parte das quais foi acrescentada pelos editores (cf. *CLG/E* p. 3182, 3184-3185). Mesmo assim, um distinto estudioso nos diz que existe uma “*Filiation Humboldt-Gabelentz-Saussure, und sie umfasst nicht nur einzelne Gedanken, sondern entscheidende Züge*” [“Filiação Humboldt-Gabelentz-Saussure, que compreende não somente pensamentos individuais, mas características decisivas”] (CHRISTMANN, 1971-1972, p. 246). No bem informado artigo de Johannes Lohmann (1899-1983), de 1967, “*Über das Verhältnis der Sprachtheorien von Humboldt, de Saussure und Trubetzkoy*” [“Sobre a relação entre as teorias da linguagem de Humboldt, de Saussure e Trubetzkoy”], a demonstração de que não poderia haver uma diferença maior entre as teorias de Humboldt e as de Saussure é relegada a uma nota de rodapé, como um curioso contraexemplo em meio a referências a estudos de Coseriu (cf. CHRISTMANN, 1971-1972, p. 252, n. 52) que, como qualquer um familiar com seu trabalho sabe, sempre tendeu a fundir as ideias linguísticas de Humboldt e Saussure, uma observação que pode ser feita a muitos estudiosos cujo primeiro interesse foi Humboldt e que, mais tarde, se interessaram pelo *Curso* (por exemplo, o trabalho de Karl Bühler)¹⁰. Uma vez que parece que o peso do argumento repousa na questão se os conceitos *langue* e *parole* de Saussure constituem de fato uma *adhésion humboldtienne* [adesão a Humboldt], o que é particularmente óbvio na *Sprachwissenschaft* de Gabelentz (cf. REICHLING, 1948, p. 13, n. 19), devotarei umas poucas considerações a essa questão no restante deste texto.

No seu artigo da década de 1960, Hugo Mueller (1966, p. 99-102) deixou claro de uma vez por todas, eu acho, que não há correspondência entre os conceitos *langue*, *langage* ou *parole* de Saussure e o entendimento de Humboldt da linguagem como *energeia* [atividade]; é gratificante ver que Christmann (1971-1972, p. 247) concorda com essa visão, embora ele goste de sugerir semelhanças entre o uso que Humboldt faz de *Sprache*, *Sprechen* e *Rede*, ideias que ele, convincentemente, acha que estão mais claramente definidas no livro de Gabelentz, mas não no *Curso* de Saussure. Aparentemente porque ele não encontrou uma citação adequada para provar essa tese, Christmann preferiu não citar o *Curso*, mas afirmou que Saussure pertence, juntamente com Gabelentz, à corrente linguística humboldtiana. Em contraste com Narr e Petersen (1972), Christmann (1971-1972, p. 252-253) sublinha a dívida de Gabelentz para com Humboldt, que é de fato muito visível na *Sprachwissenschaft*, embora certas passagens (cf. GABELENTZ, 1969, p. 327-334) tenham sido acrescentadas na segunda edição de 1901 por Schulenburg.

Já mencionei evidências externas o suficiente, acredito, para minha visão de que Saussure não se associou de jeito nenhum à tradição linguística humboldtiana que, de fato, foi muito mais forte nos séculos XIX e XX do que é comu-

10 Christmann (1971-1972, p. 253, n. 56) lança sérias dúvidas sobre sua familiaridade com a linguística indo-europeia do século XIX, quando aceita criticamente a distinção de Vilém Mathesius (1885-1945) entre as duas correntes seguintes: uma histórica, associada a Bopp [!], e uma “estática”, associada a Humboldt [!]. Com efeito, apesar das diferenças ideológicas, os laços pessoais e acadêmicos entre Bopp e Humboldt eram muito estreitos (cf. MUELLER, 1966, p. 98, para uma citação relevante); mas, para além disso, caracterizar a teoria de Humboldt como “estática” é uma interpretação seriamente errada, especialmente porque não foi outro senão Humboldt que afirmou muitas e muitas vezes que a língua não é *ergon* [produto], mas *energeia* [atividade]. Mas, como Christmann (1971-1972, p. 245 et seq.) quer fazer o leitor acreditar que o conceito saussuriano de sincronia (que Saussure frequentemente descreveu como estático) se deve a *insights* particulares de Humboldt ou Gabelentz, tal rótulo deve ser muito sugestivo de fato.

mente reconhecido (cf. KOERNER, 1973b). Vou agora me aventurar a investigar as implicações de algumas poucas teorias de Gabelentz no que diz respeito aos conceitos de Saussure de *langue* e *parole*.

Coseriu (1967, p. 76 et seq.) devotou espaço considerável a esse aspecto da teoria de Gabelentz: ele sucintamente estabeleceu que *Sprache* foi usado por Gabelentz como um termo geral que abrange três fatos, nomeadamente, *Rede* como um fenômeno concreto, *Einzelssprache* a língua que pertence a uma comunidade particular que permite ao indivíduo fazer-se entender, e, finalmente, *Sprachvermögen*, a língua como uma faculdade humana (cf. GABELENTZ, 1969, p. 2 et seq.). Se *Rede*, *Einzelssprache* e *Sprachvermögen* constituem termos técnicos no argumento de Gabelentz, é bastante seguro concluir que *Sprache* não é um termo técnico, embora Gabelentz (1969, p. 3; ver também p. 81) a defina como “*der gegliederte Ausdruck des Gedankens durch Laute*” [“a expressão estruturada do pensamento por meio dos sons”]. Além do mais, são óbvias no livro de Gabelentz (1969, p. 9, 63, 385) como um todo as declarações de senso comum sobre a língua como um sistema que permanecem sem consequência teórica para o argumento como um todo, enquanto é certamente o conceito de língua como um sistema (cf. SCHULENBURG, 1901, p. 76, 481) mais corretamente, como um sistema de termos mutuamente inter-relacionados (isto é, valores) que está na essência da teoria de Saussure sobre a linguagem (cf. KOERNER, 1971b, p. 180 et seq., para desdobramentos). Embora Saussure reconheça que a faculdade da fala é um pré-requisito para a linguagem (cf. *CLG*, p. 29-30), ele não a vê como um objeto a ser investigado pelo linguista (*CLG*, p. 25); Gabelentz (1969, p. 10-11, 302 et seq.), por sua vez, argumentava que a *Sprachvermögen* constitui o campo próprio de investigação da linguística geral, provavelmente porque aí subjazem todas as línguas individuais (cf. GABELENTZ, 1969, p. 12, 58).

Wilhelm Grube (1855-1908), um sinologista como Gabelentz e contemporâneo dele, escreveu uma bastante detalhada narrativa biobibliográfica de Gabelentz, que Christmann (1971-1972, p. 252, n. 54) elenca em rodapé. Grube (e o próprio Gabelentz (1969, p. V) apontou para isso no prefácio da primeira edição) assinalou que o livro de Gabelentz foi o resultado de muitos anos de ensino e reflexão, e que os capítulos não aparecem no livro na ordem em que foram compostos, o que resultou em desigualdade na sua apresentação¹¹. Esse fato pode bem dar conta das vacilações (para não dizer contradições) que o leitor atento da *Sprachwissenschaft* pode descobrir quase em qualquer lugar do livro, bastante contrariamente à impressão de rigor e de argumentação que o leitor não iniciado pode ter a partir do sugestivo artigo de Coseriu de 1967. Referi-me anteriormente à divisão tripartida de Gabelentz de *Sprache*. Uma vez que *Sprache* é definida como uma *Verständigungsmittel, Mittel des Gedankenverkehrs* [meio de comunicação, um meio de troca de pensamento] (GABELENTZ, 1969, p. 55); na sua concepção como *Einzelssprache* [linguagem individual] está a *Rede* [fala, discurso], uma vez que é expressa pelo indivíduo (p. 58). Schulenburg então inseriu, em uma tentativa de clarificar as visões de Gabelentz, que o lado expressivo da linguagem, isto é, *Rede*, é o objeto da *einzelssprachliche Forschung* [investigação de uma língua individual] (p. 59), bastante em contraste com Saussure que, antes de tudo, não estava obviamente interessado no *output* linguístico indivi-

11 Ver Wilhelm Grube in *Allgemeine Deutsche Biographie* 50, p. 548-555, p. 253-254 (Berlin, 1905).

dual, mas na *langue* como um sistema subjacente, isto é, um código linguístico socialmente motivado. Além do mais, nenhum paralelo convincente pode ser traçado entre o conceito saussuriano de sincronia e a *einzel sprachliche Forschung* [investigação de uma língua individual] de Gabelentz, já que a linguística sincrônica diz respeito à *langue*, e não à *parole*, e à linguagem em geral, não a uma em particular, enquanto no entendimento de Gabelentz (1969, p. 302 et seq.), a linguística geral deve explorar a faculdade humana da fala como tal, um programa que soa muito mais chomskiano (e não acidentalmente, eu acrescentaria) do que saussuriano.

A *Sprachwissenschaft* de Gabelentz contém várias ideias consequentes, como pode ser visto a partir do trabalho de Franz Nikolaus Finck, Heinrich Winkler, Ernst Lewy, e parece que muitas delas merecem uma reavaliação por si próprias. Há, entretanto, pouca razão para ver Saussure como um membro seja da corrente humboldtiana em geral – uma corrente que se caracteriza por um interesse particular pelas línguas não indo-europeias, pela tipologia linguística, questões que pertencem à linguagem e à mente, especialmente aquelas que concernem à ‘*innere Sprachform*’ [forma interna] –, seja das ideias de Gabelentz em particular. Se há semelhanças superficiais, elas são talvez o resultado do clima geral de opinião da época, mas, certamente, não de uma influência direta. Não é necessário assumir que Saussure foi um “*selbständiger Entdecker*” [descobridor independente] (cf. GABELENTZ, 1969, p. V) de qualquer das proposições que compõem seu *Cours de linguistique générale* para reconhecer que sua teoria levou a uma revolução na linguística. De fato, eu acho a citação a seguir, feita há mais de meio século, singularmente apropriada para concluir a presente argumentação:

Saussure's ideas are to be met with in the writings of a number of other scholars, particular in those of Bréal, Henry, and [Arsène] Darmesteter, and, as all of these were his seniors, one might be tempted to speak of Saussure as their debtor. But, as a similar kinship is to be detected between certain of Saussure's doctrines and the teachings of the neo-grammarians, it is therefore appropriate to consider him as having focused a number of ideas which were taking shape in the linguistic world, and which were, in a sense, common property. His originality, which is indisputable, would thus consist of having evolved a complete and coherent system, all his own, irrespective of any particular ingredient (JORDAN, 1937, p. 294).

[As ideias de Saussure vêm ao encontro dos escritos de vários outros estudiosos, particularmente daqueles de Bréal, Henry e [Arsène] Darmesteter, e, como todos esses eram mais velhos, poder-se-ia sentir tentado a falar de Saussure como deles devedor. Mas, como se detecta um parentesco semelhante entre certas doutrinas de Saussure e os ensinamentos dos neogramáticos, seria, então, apropriado considerá-lo como tendo focalizado várias ideias que estavam tomando forma no mundo linguístico, e que eram, em certo sentido, propriedade comum. Sua originalidade, que é indisputável, consistiria, então, em ter desenvolvido um sistema completo e coerente, todo próprio, independentemente de qualquer ingrediente particular.]

REFERÊNCIAS

- CHRISTMANN, H. H. Saussure and die Tradition der Sprachwissenschaft. *Archiv für das Studium der neueren Sprachen*, v. 208, p. 241-255, 1971-1972.
- COSERIU, E. Georg von der Gabelentz et la linguistique synchronique. *Word*, v. 23, p. 74-100, 1967. (Versão levemente modificada também em Gabelentz 1969, p. [5]-[40].)
- _____. *Einführung in die Strukturelle Linguistik*. Compilado das conferências proferidas em Tübingen (1967-1968) por Gunter Narr & Rudolf Windisch. Tübingen, Roman. Seminar der Universität, 1969.
- GABELENTZ, G. von der. *Die Sprachwissenschaft: Ihre Aufgaben, Methoden and bisherigen Ergebnisse*. Leipzig: Weigel, 1891. (2. ed., rev. e ampl. por Albrecht Conon, Graf von der Schulenburg, Leipzig: Tauchnitz, 1901.)
- _____. *Die Sprachwissenschaft: Ihre Aufgaben, Methoden and bisherigen Ergebnisse*. [Reimpr. da ed. de 1901, juntamente com prefácio de Gunter Narr e Uwe Petersen, e um artigo de E. Coseriu [cf. Coseriu 1967]. Tübingen: Tübinger Beiträge zur Linguistik, 1969. (2. ed., 1972).
- GODEL, R. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Genève: Droz, 1957. (2ª impressão, 1969.) [Citado como SM].
- _____. F. de Saussure et les debuts de la linguistique moderne. In: *Semaine d'études, Genève 1967: Enseignement secondaire de demain*. Aarau, 1968. p. 115-124.
- _____. Resenha de Szemerényi (1971). *Kratylos*, v. 16, n.1, p. 87-88, 1973.
- HIERSCHKE, R. *Ferdinand de Saussures langue-parole-Konzeption und sein Verhältnis zu Durkheim und von der Gabelentz*. Innsbruck: Innsbrucker Beiträge zur Sprachwissenschaft, 1972.
- HJELMSLEV, L. *Principes de grammaire générale*. Copenhagen: [s. n.], 1928. (2. impressão, 1968.)
- IORDAN, I. *An Introduction to Romance Linguistics, its Schools and Scholars*. Tradução e rev. por John Orr. Oxford: [s. n.], 1937. (2. ed., com adições de Rebecca Posner, 1970.) [Cf. minha resenha in *Linguistics*, n. 143, p. 103-107 (1ª jan. 1975 [sic]).]
- IVANESCU, G. La distinction entre la linguistique descriptive et la linguistique historique au XIX^e siècle. In: *Preprints of Papers*. Bologna: Eleventh International Congress of Linguists, 1972. p. 64-72.
- JESPERSEN, O. *Language: its nature, development and origin*. Reimpr. London, New York: [s. n.], 1964 [1922].
- KAINZ, F. *Psychologie der Sprache*. Vol. I: *Grundlagen der allgemeinen Sprachpsychologie*. Reimpr. Stuttgart: [s. n.], 1962 [1941].
- KOERNER, E. F. K. Resenha de Gabelentz 1969 [e Coseriu 1967]. *Lingua*, v. 28, p. 153-159, 1971a [Cf. Narr & Petersen 1972; Koerner 1972d].
- _____. *Ferdinand de Saussure: origin and development of his linguistic theory in western studies of language*. 1971. Thesis (Ph.D.)—Simon Fraser University. Vancouver, B.C., 1971b. (Impressa, Braunschweig: Vieweg, 1973.)

KOERNER, E. F. K. Resenha de Zwirner & Zwirner (1970). *Phonetica*, v. 24, p. 247-252, 1972 [1971c].

_____. *Bibliographia Saussureana, 1870-1970: An annotated, classified bibliography on the background, development and actual relevance of Ferdinand de Saussure's general theory of language*. Metuchen, New Jersey: Scarecrow, 1972a.

_____. Hermann Paul and Synchronic Linguistics. *Lingua*, v. 29, p. 274-307, 1972b. [Rev. e atualizado como: Hermann Paul and General Linguistic Theory. *Language Sciences*, v. 30, n. 1, p. 102-132, January 2008.]

_____. Towards a Historiography of Linguistics: 19th and 20th century paradigms. *Anthropological Linguistics*, v. 14, n. 7, p. 255-280, 1972c.

_____. A Brief Reply to Messrs. Narr and Petersen. *Lingua*, v. 30, p. 462-463, 1972d.

_____. *The Importance of Techmer's "Intenationale Zeitschrift für Allgemeine Sprachwissenschaft" in the Development of General Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1973a.

_____. The Humboldtian Tradition in Western Linguistics (artigo em manuscrito), 1973b. [Publicado como “The Humboldtian Trend in Linguistics” in *Studies in Descriptive and Historical Linguistics. Festschrift for Winfred P. Lehmann*. Ed. por Paul J. Hopper. Amsterdam: John Benjamins, 1977, p. 145-158.]

LEROY, M. *Les grands courants de la linguistique moderne*. 2. ed. rev. Brussels: Presses de l'Université Libre de Bruxelles, 1971.

LOHMANN, J. Über das Verhältnis der Sprachtheorien von Humboldt, de Saussure und Trubetzkoy. In: *Phonologie der Gegenwart*. Ed. por Joseph Hamm. Graz, Vienna, Cologne: [s. n.], 1967. p. 353-263.

MICHELS, L. C. Georg von der Gabelentz als voorloper van de structurelle taalkunde en de fonologie. *De Nieuwe Taalgids*, v. 45, p.17-19, 1952. [V. também “Verbetering”, *ibid.*, p. 114.]

MUELLER, H. On Re-Reading [Wilhelm] von Humboldt. *Monograph Series on Languages and Linguistics* (Georgetown University) v. 19, p. 97-107, 1966.

NARR, G.; PETERSEN, U. On Koerner, Coseriu, and Gabelentz: A brief rejoinder. *Lingua*, v. 30, p. 460-461, 1972. [Cf. Koerner 1971a + 1972d.]

PAUL, H. *Principien der Sprachgeschichte*. Halle/S.: Niemeyer, 1880. (2. ed. rev. e ampl., 1886; 5. ed., 1920.)

POPA-TOMESCU, T. Un strălucit precursor al lingvisticii moderne: William Dwight Whitney. *Limba Română*, v. 19, p. 189-202, 1970.

REICHLING, A. J. B. N. What is General Linguistics? *Lingua*, v. 1, p. 8-24, 1948.

RENSCH, K. H. Ferdinand de Saussure und Georg von der Gabelentz: Übereinstimmungen und Gemeinsamkeiten dargestellt an der *langue-parole* Dichotomie sowie der diachronischen und synchronischen Sprachbetrachtung. *Phonetica*, v. 15, p. 32-41, 1966.

_____. Organismus-System-Struktur in der Sprachwissenschaft. *Phonetica*, v. 16, p. 71-84, 1967.

ROSENKRANZ, B. *Georg von der Gabelentz und die Junggrammatische Schule*, Arbeitspapier No. 14 (11 Dec. 1970). Köln: Inst. für Sprachwissenschaft, Univ. Köln, 1970.

SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale*. Comp. por Charles Bally et Albert Sechehaye. 3. ed. rev. Paris: Payot, 1931 [1916]. [Citado como CLG; edições posteriores são apenas reimpressões desta. A edição de 1972 não é uma *édition critique*, mas uma reimpressão que, fora os comentários de Tullio De Mauro, contém todos os erros de impressão das edições anteriores.]

_____. *Cours de linguistique générale*. Ed. crítica de Rudolf Engler. Wiesbaden: Harrassowitz, 1968. [Citado como CLG/E.]

SCHULENBURG, A. C. V. (Ed.). *Die Sprachwissenschaft; ihre Aufgaben und bishering Ergebnisse*, de G. Gabelentz. Leipzig: Tauchnitz, 1901.

SILVA NETO, S. da. *Língua, cultura e civilização: estudos de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro, 1960.

SLJUSAREVA, N. A. Nekotorye poluzabytye stranicy iz istorii jazykoznanija: F. de Sossjur i U. Uitnej [Algumas páginas esquecidas na história da linguística: F. de Saussure e W. Whitney]. In: *Obščee i romanskoe jazykoznanie: K 60-letiju R. A. Budagova*. Moskva: Izd. Moskovskij gosud. Univ., 1972. p. 177-182.

SZÉMERÉNYI, O. *Richtungen der modernen Sprachwissenschaft: Von Saussure bis Bloomfield, 1916-1950*. Heidelberg: Carl Winter, 1971.

WEGENER, P. *Untersuchungen über die Grundfragen des Sprachlebens*, Halle/S.: Niemeyer, 1885. [Reimpr., com uma introdução em inglês de Clemens Knobloch, Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1991.]

ZWIRNER, E. Die Bedeutung der Sprachstruktur für die Analyse des Sprechens: Problemgeschichtliche Erörterung. In: PROCEEDINGS OF THE FIFTH INTERNATIONAL CONGRESS OF PHONETIC SCIENCES. Ed. por E. Zwirner & Wolfgang Bethge. Basel, New York, 1965, p. 1-21. (Discussion, 21-24).

_____. Die linguistische Quelle unter syntagmatischem und paradigmatischem Aspekt. *Cahiers de Linguistique Théorique et Appliquée*, n. 3, p. 187-195, 1966a.

_____. *Bemerkungen zur Geschichte der Phonetik*, in *Grundfragen der Phonetik*. Por E. Zwirner & Kurt Zwirner. 2. ed. rev. e ampl. Basel; New York, 1966b, p. 17-110. (Trad. inglesa, preparada por H. Bluhme, *Principles of Phonometrics*, University, Ala., 1970, p. 8-81.)

_____. Sprachen und Sprache: Ein Beitrag zur Theorie der Linguistik. *To Honor Roman Jakobson*, The Hague, v. 3, p. 2442-2464, 1967.

_____. Zur zweiten Epoche der deutschen Mundartforschung. In: *Beiträge zur Sprachwissenschaft, Volkskunde und Literaturforschung: Wolfgang Steinitz zum 60. Geburtstag*. Ed. por A. V. Isačenko et al. Berlin: Akademie-Verlag, 1968a. p. 438-452.

_____. Vorwort. *Phonetik II: Allgemeine Theorie*. Ed. por E. Zwirner & Kenosuke Ezawa. Basel, New York, 1968b. p. vii-xvi.

ZWIRNER, E Zur Herkunft und Funktion des Begriffspaars Synchronie-Diachronie. In: *Sprache – Gegenwart and Geschichte: Probleme der Synchronie und Diachronie*. Ed. por Hugo Moser et al. Düsseldorf: [s.n.], 1969a. p. 30-51.

_____. Lautwandel in neuer Sicht. Von Dante bis zum Strukturalismus: Die Entwicklung der Sprachwissenschaft. *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, n. 236, Saturday, 11 Oct. 1969b.

ZWIRNER, E.; RENSCH, K. H. Methodik der Erforschung lebender (gesprochener) Sprachen: Phonetik und Phonologie. In: *Methoden der Sprachwissenschaft*. Com contribuições de Helmut Schnelle, Henri Frei et al. Munich, Vienna: [s.n.], 1968. p. 89-134.

ZWIRNER, E.; ZWIRNER, K. *Principles of Phonometrics*. University: Ala, 1970. [Cf. Zwirner 1966b. Note que Kurt Zwirner foi o matemático e não o coautor da parte histórica do livro.]

KOERNER, E. F. K. The problem of “influence”: Georg von der Gabelentz and Ferdinand Saussure. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 54-70, 2012.

Abstract: One of the hot points in the research of Linguistic Historiography, the question of influence is treated as a category of analysis in Linguistic Historiography, with the presentation of a study case on possible influences of gabelentz in saussure’s works.

Keywords: Linguistic Historiography; the problem of influence; general linguistics.

Recebido em março de 2012.

Aprovado em março de 2012.